

**MUNDO DO TEXTO E IDENTIDADE NARRATIVA:
CONTRIBUIÇÕES DA FILOSOFIA DE PAUL RICOEUR
À HERMENÊUTICA TEOLÓGICA.**

WALTER FERREIRA SALLES
PUC-Campinas / Ciências da Religião

INTRODUÇÃO

O pluralismo religioso é hoje um grande desafio para a construção de uma identidade cristã. Neste cenário, as diferenças culturais surgem ao mesmo tempo como uma riqueza e uma ameaça às identidades religiosas. No caso particular do Cristianismo é possível dizer que a Tradição cristã encontra-se, hoje, sob o risco da interpretação diante do outro não-cristão e não-ocidental que não nega a transcendência no ser humano e que possui certa experiência mística como característica de sua tradição religiosa. Todavia, estar sob o risco da interpretação não se restringe à dimensão negativa da ameaça provocada pelo outro diferente de mim, aquele que não comunga da mesma tradição religiosa. Estar diante do diferente pode significar a rica possibilidade de uma releitura dos fundamentos da fé cristã que conseqüentemente ajude a uma interpretação da identidade que dessa fé emana. Mais do que risco no sentido negativo, o pluralismo religioso pode configurar-se como a possibilidade de uma nova percepção da identidade cristã entendida como uma identidade em contínua construção a partir da releitura de textos fundadores.

Essa reflexão em torno da identidade cristã tem por pressuposto a idéia de que o entrelaçamento entre as noções de “*identidade narrativa*” e de “*mundo do texto*” oriundas da hermenêutica filosófica de Paul Ricoeur pode fundamentar a hermenêutica teológica da identidade cristã nesse mundo plural que nos caracteriza e, conseqüentemente, pode contribuir com o diálogo entre tradições que pautam a construção de suas identidades religiosas a partir de textos considerados sagrados. Textos que, como gosta de afirmar o próprio



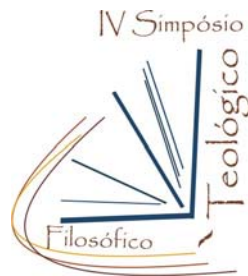
Ricoeur, são capazes de possibilitar a decifração da vida e a construção da própria identidade no espelho das palavras.

I

Paul Ricoeur é considerado por muitos como um dos grandes pensadores e filósofos franceses do século XX. Nascido em Valença (27 de fevereiro de 1913) foi professor na Universidade de Strasbourg e na Universidade de Sorbone, antes de assumir o cargo de direção na Universidade de Nanterre, trabalho que veio a ser um momento particularmente difícil na sua trajetória intelectual e que acabou por obrigá-lo a renunciar ao cargo de diretor nessa Universidade e “refugiar-se” nos Estados Unidos, como professor na Divinity School da Universidade de Chicago (1970-1981)¹. No período de 1981-1990, Ricoeur conhece o “retorno” e a consagração na França.

Nos primeiros anos de seu percurso filosófico, Paul Ricoeur foi influenciado pela filosofia de Jean Narbert, pelo existencialismo de Gabriel Marcel e Karl Jaspers, e pela fenomenologia de Edmund Husserl. Em 1960, como desdobramento de sua pesquisa em torno da Filosofia da Vontade (tema de sua tese doutoral), Ricoeur publica “Finitude et culpabilité I. L’homme faillible” e a segunda parte “La symbolique du mal”, a qual dá início à reviravolta em sua reflexão a partir da hermenêutica dos símbolos, pois para ele o acesso à experiência do mal somente se torna possível graças à mediação dos símbolos. Ricoeur desenvolveu, pois, sua reflexão no contexto das principais

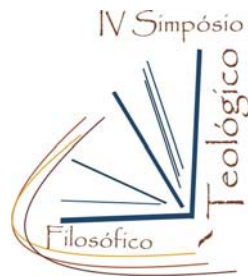
¹ François **DOSSE**, *Paul Ricoeur. Le sens d’une vie* (1923-2005), Paris, La Découverte/Poche, 2008, 405-470.



correntes filosóficas do século XX, de modo particular na fenomenologia, no existencialismo, na filosofia da linguagem e na hermenêutica. Pensador de tradição religiosa protestante, não se via, contudo, como um filósofo cristão, mas sim como um cristão de expressão filosófica, como Rembrandt era para ele um cristão de expressão pictórica. Com isso, queria manter distintas, mas não totalmente separadas, essas duas áreas do saber: a filosofia e a teologia, mais propriamente a investigação sobre a realidade religiosa. A sua obra está desenvolvida em um grande número de textos filosóficos e literários que fazem dele mestre de uma das áreas mais significativas da filosofia contemporânea: a hermenêutica. É no contexto dessa amplitude filosófica que se insere a presente pesquisa em torno da identidade narrativa, a hermenêutica textual e a linguagem religiosa como uma possível contribuição de Ricoeur à reflexão sobre a identidade cristã.

Em sua obra, a palavra hermenêutica possui ao menos três sentidos: a hermenêutica dos símbolos, a hermenêutica do texto e a hermenêutica da ação, tripartição que para muitos marca três etapas no desenvolvimento da reflexão filosófica de Ricoeur. A segunda etapa é caracterizada pelo trabalho hermenêutico em torno do texto. Período que se desenvolve entre 1975-1985, marcado pelo surgimento de importantes trabalhos como *“La métaphore vive”* e *“Temps e récit”*, consideradas pelo próprio autor como gêmeas por terem sido concebidas juntas². Para Ricoeur, o enunciado metafórico possui o poder de reescrever a realidade e assim se torna capaz de dar um sentido à vida humana desde um processo de interpretação, tanto no campo da história quanto no contexto da ficção, na certeza de que toda nova descrição da realidade desemboca em uma reconfiguração da experiência pessoal e coletiva, com a marca do tempo. Essa dimensão temporal traz consigo uma questão fundamental: a temporalidade humana não pode ser dita diretamente, mas somente a partir da mediação do discurso indireto da narração, o que mostra a importância do caráter lingüístico da experiência humana, isto é, na

² Paul **RICOEUR**, *Temps et récit*, t.I, Paris, Seuil, 1983, p.11.



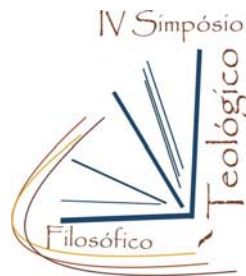
nossa capacidade de narrar uma história na qual podemos nos reconhecer em um horizonte de sentido.

A terceira etapa do pensamento de Ricoeur é marcada pelo surgimento de outras duas grandes obras: *“Du texte à l’action”* (1986) e *“Soi-même comme un autre”* (1990). - Em *“Du texte à l’action – Essais d’herméneutique II”* são reunidos artigos fundamentais que foram escritos na década de 70 e na primeira metade da década de 80. Nesta coletânea a noção de distância/apropriação é aplicada à noção de texto, ou seja, distanciamos-nos do texto para podermos nos apropriar dele e de nós mesmos. Essa teoria do texto é uma antecipação da temática desenvolvida em *“Soi-même comme un autre”*, obra na qual a dialética eu-si é arrastada para fora do texto.

No tocante à reflexão em torno da hermenêutica é preciso igualmente destacar outras obras mais recentes: *“Penser la Bible”* (1998), *“L’herméneutique biblique”* (2000), *“La mémoire, l’histoire, l’oubli”* (2000) e *“Parcours de la reconnaissance”* (2004). No horizonte de sua hermenêutica filosófica, Ricoeur considera a existência de dois movimentos que caracterizam a história recente da hermenêutica: a desregionalização e a ontologização. História que foi objeto de uma longa querela e de numerosos debates, mas que não é possível e cabível, neste momento, entrar em seus pormenores, mas apenas trazer à memória e lembrar que essa história moderna da hermenêutica nos conduz de F. Schleiermacher (1768-1834) a H.-G. Gadamer (1900-2002), passando por W. Dilthey (1833-1911) e M. Heidegger (1889-1976).³

A partir desse horizonte histórico, convém ressaltar que a noção gadameriana de pertença e a noção de ser-no-mundo de Heidegger estão na base da hermenêutica filosófica de Paul Ricoeur, uma influência que pode ser sintetizada da seguinte maneira:

³ Para mais informações ver P. RICOEUR, *Du texte à l’action. Essais d’herméneutique II*, Paris, Seuil, 1986, p.39-118.



...a força da imaginação não existiria se o 'compreender' não estivesse ele mesmo enraizado no mundo, sempre prévio a qualquer experiência e a qualquer explicação(...) Aquilo que o primeiro – Heidegger – designa como 'pré-compreensão' e o segundo – Gadamer – por pertença, é o subsolo das reflexões ricoeurianas sobre a imaginação e o poder concomitante de inovar semanticamente a partir do texto e de reescrever o real, correspondendo assim ao apelo de uma veemência inesgotável.⁴

Todavia, como aceitar a idéia de pertencimento histórico sem abandonar a noção de distanciamento? Isto é possível na medida em que se considera tanto o pertencimento quanto o distanciamento como condições inerentes à história. Ricoeur articula pertencimento e distanciamento a partir da noção de texto, sendo sua hermenêutica do texto um dos grandes legados à hermenêutica contemporânea. Entretanto, em sua reflexão filosófica, ele pretende ir além das polarizações que marcaram a história do pensamento hermenêutico: explicar e compreender; distanciamento e pertencimento; hermenêutica e crítica das ideologias; conhecimento metódico e experiência da verdade. Todavia, esse transbordamento exigirá um longo percurso pela questão da linguagem e da interpretação, algo distinto do salto direto ao Ser, promovido por Heidegger. Isto porque é na linguagem que se dá toda compreensão ontológica e é no movimento da interpretação que percebemos o ser interpretado⁵. Em suma,

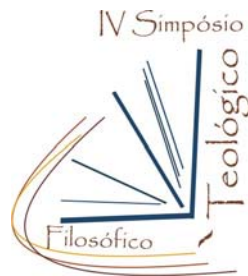
Ricoeur propõe-se um 'via longa', que o leva a pensar a interpretação como um processo complexo que inclui tanto o momento da descrição das estruturas e suas leis – a explicação – como o momento de apropriação do sentido pelo sujeito – a compreensão –, sem perder de vista seu horizonte ontológico.⁶

A linguagem passa a ser entendida fundamentalmente como “discurso”, ou seja, “alguém diz algo de alguma coisa a alguém”. Ou ainda, uma experiência pessoal de mundo trazida à linguagem, dotando-a de sentido e tornando-a acessível a outras pessoas. Essa experiência humana do mundo é

⁴ J. M.M. HELENO, *Hermenêutica e ontologia em Paul Ricoeur*, Lisboa, Instituto Piaget, 2001, p.158.

⁵ P. RICOEUR, *Le conflit des interprétations. Essais d'herméneutique I*, Paris, Seuil, 1969, p.14;20.

⁶ H. S. GENTIL, *Para uma poética da modernidade. Uma aproximação à arte do romance em Temps et Récit de Paul Ricoeur*, São Paulo, Loyola, 2004, p.46.



o fundamento extralingüístico de qualquer forma de discurso que o estruturalismo desconsidera ou desconhece. Ricoeur reconhece o estruturalismo como um momento necessário da análise de qualquer forma de discurso, embora o considere insuficiente por se tratar de uma dimensão entre outras da realidade e do conhecimento humano.

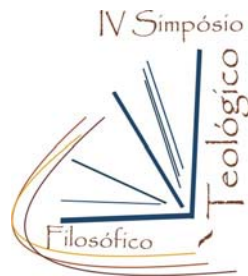
Por isso, a reflexão entre pertença e distanciamento é feita de modo privilegiado a partir da noção de texto, sendo este entendido como “discurso” fixado pela escrita⁷. É a partir dessa idéia central, a noção de texto, que é desenvolvida a sua contribuição à tradição hermenêutica⁸, de modo especial desde a pergunta sobre a noção de texto e pela função hermenêutica do distanciamento. O texto é, para Ricoeur, o paradigma da comunicação no distanciamento, o que manifesta um caráter fundamental da historicidade humana: uma comunicação na e pela distância, uma função positiva e produtora do distanciamento no centro da experiência humana, no cerne da história⁹. A noção de texto pode ser sintetizada em torno de quatro pontos fundamentais: a linguagem como discurso, o discurso como obra estruturada, a obra como projeção de um mundo, e o discurso e a obra como mediação da compreensão de si.

Este tipo de comunicação supõe que o texto possa preservar o discurso de sua destruição ao longo do tempo. Contudo, esta não é a única função da escrita, uma vez que a mesma promove igualmente a autonomia do texto como algo que lhe é constitutivo. É graças à escrita que o mundo do texto faz explodir o mundo do autor, já que na escrita temos a superação de seu horizonte intencional e finito. Desta maneira, o trabalho hermenêutico se afasta da alternativa que durante muito tempo marcou o seu exercício: ou compreender um autor ou entender a estrutura do texto. Este distanciamento

⁷ Paul **RICOEUR**, *Du texte à l'action. Essais d'herméneutique II*, Paris, Seuil, 1986, p. 84.

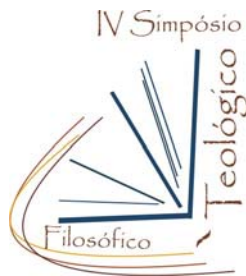
⁸ Idem, ibidem, p. 113-130; 153-178.

⁹ Idem, *Interpretação e ideologias*, Lisboa, Barleu Edições, 1990, p.44 ; Idem, *Du texte à l'action*, p.101-118.



nos aproxima da idéia de que interpretar é trazer à linguagem o tipo de ser-no-mundo que se desvela diante do texto. Cabe, pois, à hermenêutica elucidar esse processo, no qual o discurso acontece como evento (alguém diz) e é apreendido como significação, ou seja, pode ser transmitido e apreendido para além do momento presente (função do distanciamento inerente à linguagem). No caso da escrita, o texto instaura uma distância que permite à hermenêutica superar a pretensão (romântica) de definir a compreensão como sendo o colocar-se no lugar do outro. Na verdade, o discurso como escrita ganha autonomia com relação a seu autor, ou como gosta de dizer Ricoeur, de maneira metafórica, a morte do autor significa a autonomia do texto. Trata-se de na leitura considerar o autor como já morto e o livro como póstumo, e como o autor já não pode mais responder a nossas questões, resta a nós leitores “apenas” ler sua obra.

Essa noção de texto acaba por promover uma revalorização da escrita, sendo que o discurso como escrita (texto) suspende uma referência de primeiro grau: locutor–ouvinte. A relação entre autor e leitor é distinta do diálogo locutor e ouvinte e nessa suspensão, ou melhor, na instauração de uma referência de segundo grau, texto–leitor, o discurso é capaz de transcender as condições psicológicas e sociológicas de sua produção. E esse distanciamento não surge como obstáculo a ser superado, mas como condição ou a possibilidade mesma da compreensão, pois um texto ganha autonomia com relação ao autor, bem como diante do contexto no qual foi produzido. O texto pode, portanto, ser apropriado em outras situações por leitores que se encontram distantes, ou seja, não compartilham de modo imediato da mesma situação do autor do texto. Em outras palavras, o texto pode e deve ser descontextualizado e recontextualizado no contexto do leitor, mesmo distante. A leitura de um texto passa pela dialética entre explicar e compreender como partes integrantes de um processo mais amplo de interpretação, no qual interpretar significa caminhar, pôr-se em marcha em direção ao mundo aberto pelo texto, ao passo que explicar significa mostrar a estrutura interna de um texto.

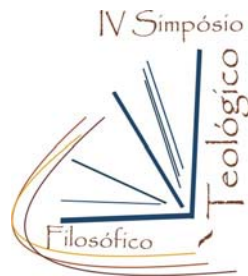


Em suma, a apropriar-se de um texto é apropriar-se dos vários mundos que o texto permite e incentiva desde o seu potencial de sentido. Há aqui um elo entre hermenêutica e ontologia: não basta conhecer o sentido e a estrutura de uma obra, também é preciso conhecer o mundo que ele veicula, desdobra, desvela diante de si e do leitor como possibilidade de ser no mundo, na história. O texto possui “um” sentido que não deixa de ser atualizado pelo leitor e apropriar-se desse sentido é todo o contrário da celebração de um eu narcisista, é na verdade despojamento do próprio eu, uma vez que o texto fornece um si mesmo ao leitor que faz dele, leitor, um “si mesmo como outro”. Assim, interpretamos e atualizamos um texto quando nos apropriamos de sua proposição de mundo, sem, contudo, conceber a apropriação como posse, mas sim como despojamento: “...a hermenêutica convida a fazer da subjetividade a última e não a primeira categoria de uma teoria da compreensão... Então, troco o eu, dono de si mesmo, pelo si, discípulo do texto”¹⁰.

Por isso, a interpretação de um texto é todo o contrário da contemporaneidade, conforme supunham Schleiermacher e Dilthey, é apropriação de uma proposição de modo de ser, entendida como objetivação típica das obras da cultura. Além disso, significa a superação da distância cultural e possui o caráter de atualização, ou seja, a efetivação de possibilidades semânticas descobertas na leitura, o que faz do ato de interpretar um risco, uma vez que significa expor-se a si mesmo por meio da leitura interpretativa a fim de habitar uma proposição de mundo. Interpretar, nas palavras de Ricoeur, é “decifrar a vida no espelho do texto”¹¹. A consciência expõe-se ao mundo que o texto cria, o que possibilita uma nova compreensão de si mesmo e nessa compreensão a subjetividade perde-se como origem radical para colocar-se em uma postura mais modesta.

¹⁰ Idem, *Du texte à l'action*, p. 53-54.

¹¹ Idem, *Le conflit des interpretations*, p.322.

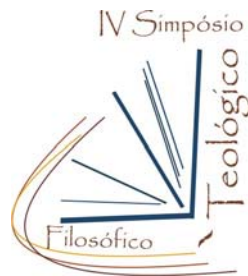


Essa descentralização afasta o sujeito de uma atitude subjetivista, já que a compreensão de si acontece diante de uma dimensão objetiva: o mundo do texto. É neste sentido que se pode falar do abandono do “eu”, dono de si mesmo, para pensar no “si”, discípulo do texto. E nesse discipulado o leitor se compreende melhor, se compreende diferentemente ou começa a se compreender. Contudo, não se trata de querer impor ao texto a nossa capacidade finita de compreender, mas de se expor a ele, deixar-se formar pela proposição de mundo que nos é feita, pois *“só encontro-me como leitor, perdendo-me”*¹², o que faz da compreensão de si uma desapropriação e nova apropriação de si.

Assim, o projeto filosófico de Ricoeur se radica no distanciamento da tentativa de fundamentação do cogito por Descartes (1596-1650) e da sua destituição por Nietzsche (1844-1900). Com Descartes, o cogito é a primeira certeza de uma identidade sem história e com Nietzsche temos a destituição do cogito a partir do caráter figurativo de toda linguagem, ou seja, o cogito nada mais seria do que uma artimanha da linguagem. A meio caminho está Ricoeur, ao tomar distância do cogito e do anti-cogito, e ao usar o termo “si” para se precaver contra a redução a um “eu” centrado sobre si e “si mesmo como outro” como a possibilidade do sujeito, sem deixar de ser o mesmo, vir a ser um outro.

Nessa trajetória filosófica pelos caminhos de uma ontologia hermenêutica, é possível considerar que o conceito de identidade narrativa seja de certa forma o ponto de chegada da obra *“Temps et récit”* que é retomado em *“Soi même comme un autre”*. Na elaboração do conceito de identidade narrativa é fundamental ter em conta a distinção entre a narrativa de ficção e a narrativa histórica, sendo que ambas se aproximam como narrativas, distinguem-se por sua intenção de verdade e entrecruzam-se na constituição da identidade pessoal e coletiva. Ricoeur mostra que o sujeito só pode ser

¹² Idem, *Interpretação e ideologias*, p.58.



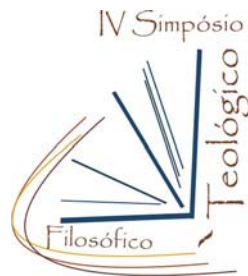
compreendido como sendo atravessado e constituído por uma série de mediações e desdobrado no tempo. E este sujeito só tem acesso a si mesmo por meio de mediações e de reflexões que considerem tanto sua permanência como sua transformação no decorrer do tempo.

Uma tese importante que emana do conceito de identidade narrativa aponta para o fato de haver uma estreita ligação entre a experiência humana do tempo e a narrativa, seja ela histórica ou de ficção. Ricoeur trabalha com o conceito de “referência metafórica” para ultrapassar os limites impostos aos textos de ficção e poesia, limites que reservam aos discursos científicos a capacidade de dizer a verdade, ou ainda, de dizer algo sensato sobre a realidade. Mas convém lembrar que uma obra de ficção não é nem uma simples cópia da realidade e tampouco um puro exercício de imaginação descolado da realidade. A narrativa ficcional parte da realidade de alguém, de sua experiência de mundo que é dita a outro, alguém que vive em uma outra realidade e que assimilará algo dessa realidade que lhe é dita, a partir de sua própria experiência. É desde essa nova assimilação que o dito retorna à realidade em forma de ação. A narrativa é fundamentalmente mediação entre uma experiência anterior e uma experiência posterior à qual se dirige, dá sentido, completa e realiza, uma experiência que é configurada na linguagem ao ser narrada a outro que por sua vez a reconfigurará em sua situação própria, dando-lhe uma nova configuração. E na linguagem de Ricoeur

A reconfiguração pelo relato confirma esse traço do conhecimento de si que ultrapassa de longe o domínio narrativo, a saber, que o si não se conhece imediatamente, mas somente indiretamente pelo desvio dos sinais culturais de todo tipo que se articulam sobre as mediações simbólicas que sempre já articulam a ação e, entre elas, as narrativas da vida cotidiana. A mediação narrativa sublinha esse caráter importante do conhecimento de si ser uma interpretação de si.¹³

Ler a si mesmo no espelho das palavras da narrativa histórica e de ficção é ler uma vida marcada pela pertença histórica a representações

¹³ P. **RICOEUR**, L'identité narrative, *Esprit* 7-8 (1988) : 304.

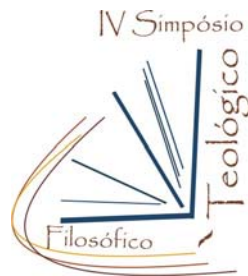


simbólicas e a instituições. O leitor pode reconhecer nos personagens de suas leituras atitudes, valores, virtudes, escolhas e decisões que o ajudam na compreensão de si mesmo e a guiar suas ações. À diferença do pensamento moderno, Ricoeur insiste no caráter indireto da consciência a si mesma, insistência que mostra a importância atribuída à mediação inerente à narrativa: o sujeito é originalmente interpretação de si mesmo e nesse processo hermenêutico há uma dupla desapropriação do sujeito da interpretação, há uma ascese primeira diante da obra e em um segundo momento um desalojamento da identidade primeira que abre o sujeito a novas possibilidades de ser no mundo, de habitá-lo¹⁴.

Como consequência, a hermenêutica da pessoa acontece na história, no tempo e na relação com os outros, trata-se de uma identidade que já não é mais fruto de uma mera conceituação (teoria), mas acontece no tempo e na condição ética plural. O si mesmo constitui-se a partir da influência histórica e ética dos personagens apreendidos na leitura, os quais encarnam grandes decisões de vida. Temos, pois, na narrativa histórica e na narrativa ficcional, entendendo ficção como algo distinto de falso ou mentira, contribuições essenciais para a interpretação de nossa condição histórica. Por meio delas temos uma reconfiguração de nossa condição humana, mas pode ser igualmente uma “des-figuração” dessa mesma condição. Com esse conceito de identidade narrativa, Ricoeur quer mostrar como se dá a construção da identidade a partir da relação entre linguagem e experiência humana do mundo, pretende escapar a uma dicotomia que não contribui para a solução do problema da identidade: ou o sujeito é um emaranhado de conhecimentos, emoções e vontades que jamais se unificam, a não ser ilusoriamente, ou é pura permanência, alguém sempre idêntico a si mesmo.

A essa alternativa estéril, Ricoeur propõe o conceito de identidade narrativa e no modo como esse conceito é desenvolvido em sua hermenêutica

¹⁴ J. M. GAGNEBIN, *Lembrar, escrever, esquecer*, São Paulo, Editora 34, 2006, p.168.

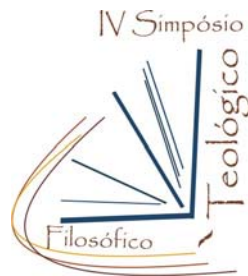


filosófica vemos ser incorporado uma estrutura temporal, da qual faz parte de modo singular o texto narrativo, entendido como obra escrita. Esse texto narrativo emerge de uma determinada situação e procura dar-lhe sentido por meio da expressão lingüística e nessa expressão pessoas, circunstâncias, motivações, ações são articuladas pela narrativa em uma totalidade dotada de sentido, que faz e dá sentido. A narrativa quer tornar inteligível uma história ao dizer o sentido dos “fragmentos” de uma experiência individual ou coletiva.

Para Ricoeur, essa constituição distancia-se da idéia de uma identidade dada a priori – uma substância ou forma fixa – na medida em que se fundamenta na idéia de uma identidade que se faz e refaz ao longo do tempo, no decorrer de uma história de vida. Trata-se de uma identidade que não cessa de se construir e de se reconstruir por meio da narrativa, pois o leitor se reconfigura, se refaz, depois de se ter perdido na leitura. Em suma, a identidade humana é uma identidade que não se reduz à mesmidade, idéia desenvolvida em *“Soi même comme un autre”*, a partir do conceito de ipseidade. A meu ver, a partir dessa trama na qual se entrelaçam noção de texto e identidade narrativa se torna possível perceber como a Tradição cristã se compreende à luz de textos fundadores, compreensão que possibilita a construção de uma identidade religiosa desde o horizonte de uma linguagem que narra experiências humanas com o Sagrado.

III

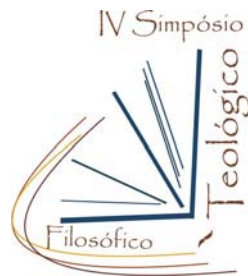
A insistência sobre a pertinência da hermenêutica textual e a noção de identidade narrativa desenvolvida por Paul Ricoeur encontra sua razão de ser na melhor inteligibilidade que esse trabalho hermenêutico proporciona às relações entre a leitura do texto sagrado e a construção de uma identidade religiosa, sobretudo ao colocar em questão uma pretensa transparência do sujeito a si mesmo e também na medida em que se concebe a compreensão de si a partir da mediação de signos, símbolos e textos: compreender-se diante



de uma obra da cultura é receber um outro si diferente daquele que se projeta na interpretação. Aqui, gostaria de destacar de forma sintética a importância da hermenêutica de si ligada à noção de mundo do texto e de identidade narrativa para a construção da identidade cristã.

Em primeiro lugar, essa hermenêutica nos ajuda a ultrapassar uma concepção de Revelação que muitas vezes concebe a inspiração divina como o ditado do autor divino a um interlocutor privilegiado: o que está escrito na Bíblia, por exemplo, seria uma tradução literal das “palavras” de Deus. Do contrário, não seria possível considerar as formas de discurso que compõem os textos bíblicos e que do ponto de vista teológico são reveladores de um certo mundo, o mundo bíblico, diante do qual o leitor tem a possibilidade de ver se desvelar um “novo ser” com relação à sua existência ordinária, ruptura movida pela vontade de fazer existir um mundo novo. Em seguida, possibilita um equilíbrio entre palavra e escritura ao considerar a situação hermenêutica da primeira comunidade cristã, tomando distancia assim da obsessão por uma palavra original que seja a “voz” do fundador ausente. Nas origens do Cristianismo não há a “voz” de Jesus Cristo, mas textos que já são em si mesmos interpretações de sua mensagem, acolhida na fé pela ação do Espírito Santo. Por fim, a filosofia hermenêutica de Paul Ricoeur nos convida a manter o equilíbrio entre uma leitura crítica da Escritura e uma aproximação hermenêutica, a valorizar a dimensão poética das grandes narrativas bíblicas. Assim, uma teologia do Novo Testamento não deve se ater à descrição exata dos gestos e das palavras de Jesus, mas narrar a história de Jesus como uma história exemplar que diz respeito aos homens e às mulheres de todos os tempos.

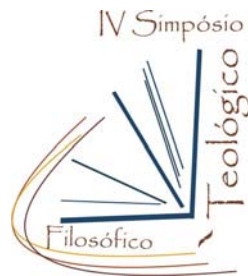
Esses três aspectos supõem o caráter interpretativo de todo conhecimento humano, pois não existe acesso imediato à realidade, na medida em que esse acesso é feito por meio da linguagem que já é necessariamente



uma interpretação, a qual não se configura como uma espécie de criação do nada. Além disso, no contexto de uma teologia cristã, colocar a interpretação como apropriação criativa de uma determinada tradição religiosa é considerar o risco que está presente em todo ato interpretativo: o risco da distorção e do erro, mas que também é o risco do próprio ato de fé, o qual para ser fiel ao seu impulso originário deve conduzir a uma interpretação criativa da identidade cristã.

Esse risco inerente à hermenêutica de si significa arriscar-se em uma nova maneira de ser, possibilitada pela interpretação da textualidade da vida, entendendo-se também a história e a realidade social como um “texto” aberto à interpretação. Nesse arriscar-se próprio da construção da identidade cristã é preciso levar a sério a historicidade da verdade e a historicidade do intérprete da mensagem cristã que busca atualizá-la para a sua realidade. Nesse processo, temos a compreensão do passado e a atualização criativa direcionada para o futuro, perpassando a compreensão de si no presente, a partir de uma releitura dos “objetos textuais”, procurando decifrá-los para hoje, e desde essa releitura proceder a uma nova escritura, a uma nova narrativa.

O trabalho hermenêutico na construção de uma identidade religiosa é, pois, o esforço constante para tornar cada vez mais inteligível a própria identidade para si mesmo e para os outros, e conseqüentemente possibilitar o diálogo com as outras tradições religiosas. Essa construção dialogal supõe uma verdade de fé que é fundamentalmente histórica, recebida por via testemunhal e à semelhança do que foi afirmado anteriormente não há acesso imediato à verdade dos enunciados de fé. A verdade cristã é sempre um “devir” entregue ao risco da interpretação, da história e da liberdade criativa daquele que crê, sob a moção do Espírito (Jo 14,26). Por isso, a hermenêutica de si na construção de uma identidade cristã não deve partir de enunciados teológicos concebidos desde conceitos emanados de um pensamento meramente especulativo: Deus existe, é onisciente, é onipotente, é todopoderoso,... mas



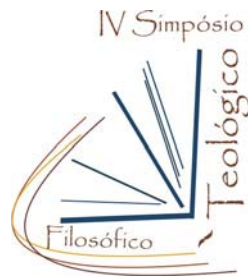
deve voltar-se prioritariamente para as expressões que manifestam a maneira como uma determinada comunidade de fé traduz para si mesma e para os outros suas formas mais originais de relação com Deus¹⁵.

No contexto cristão, se tomarmos emprestado a idéia de “fusão de horizontes”, oriunda de Gadamer e desenvolvida por Ricoeur, podemos afirmar que a hermenêutica de si promove a fusão do horizonte da vida do cristão com o horizonte da vida de Jesus Cristo. Nessa fusão unem-se sob o mesmo horizonte hermenêutica e antropologia, uma vez que no relacionamento com Jesus Cristo é o próprio ser do fiel que está em questão, constituindo-se em passagem obrigatória para a construção de uma identidade cristã.

No contexto dessa experiência religiosa cristã, a conversação/diálogo entre o sujeito interpretante e o texto supõe uma condição prévia: o ato de fé, ou seja, um prejulgamento favorável com relação ao texto que é recebido da tradição, assumindo-o como palavra de Deus, e que é realizado sempre a partir da inter-relação entre a riqueza dos questionamentos que surgem da realidade e a dimensão fecunda da tradição, relação capaz de produzir uma nova interpretação da Escritura. Nesse processo hermenêutico há a busca por um equilíbrio entre a experiência pessoal e a tradição, ou ainda, a valorização da pessoa dentro de um processo de relação interpessoal. Trata-se da apropriação e da reapropriação da tradição por parte do indivíduo, a capacidade de enraizar as manifestações particulares da fé em uma determinada tradição que fornece elementos para a construção e reformulação da identidade pessoal.

Assim, a tradição não se configura apenas e nem sobretudo como uma transmissão de valores e conceitos válidos de uma vez por todas, mas principalmente como produção de sentido. Nesta perspectiva, o Cristianismo é

¹⁵ P. RICŒUR, Herméneutique de l'idée de Révélation, In *La Révélation*, Bruxelles, Publications des Facultés Universitaires Saint-Louis, 1977, p.30.



tradição na medida em que vive de uma origem primeira que é dada, mas também é tradição porque essa origem somente pode ser redita historicamente a partir de uma apropriação criativa da mesma, apropriação que é, acima de tudo, interpretação da tradição em um novo contexto cultural, interpretação criativa da linguagem da fé e conseqüentemente da identidade cristã.

Nesta linha de raciocínio, é possível apreender os textos bíblicos como revelação de Deus na medida em que desdobram diante do leitor a possibilidade de um ser novo no mundo e não porque foram escritos sob o ditado de Deus. Por isso, a compreensão de si diante do texto implica na renúncia à auto-constituição da consciência a partir de uma temporalidade puramente imanente. Em outras palavras, a nossa existência é moldada pelos eventos que nos atingem e isto faz com que dependamos de certos eventos fundadores, aquilo que somos depende dos testemunhos históricos que acontecem por meio dos eventos que nos atingem profundamente desde o seio de uma tradição.

CONCLUSÃO

Desde a contribuição da hermenêutica filosófica de Paul Ricoeur é possível dizer que a Bíblia como elemento estrutural da identidade cristã não narra um evento histórico bruto, seus textos são sempre atos interpretativos e a distância que separa o leitor dos textos bíblicos surge como a possibilidade de se estabelecer um ato de reinterpretação da existência humana por meio da linguagem religiosa. E neste empreendimento hermenêutico o cristão encontra nos textos bíblicos e no conteúdo de sua experiência histórica critérios fundamentais para avaliar a pertinência da atual interpretação da linguagem e da identidade cristã face ao desafio do pluralismo religioso: como compreender o outro e como me fazer entender por ele? Eis a questão que as noções de identidade narrativa e mundo do texto nos ajudam a responder.